

FOLK-LORE NORDESTINO

Bibliotheca de Leandro Gomes de Barros

A Allemanha

Vencida e humilhada

Victoria dos Alliados

Os horrores da INFLUENZA HESPANHOLA

PREÇO 300 reis

O editor reserva os direitos de reprodução de
acordo com o artigo 649 do cod. Civil.

EDITOR—**Pedro Baptista**
17—Rua 7 de Setembro—17
Estado da Parahyba do Norte
Guarabira
1918

Aviso ao Povo Pernambucano

Eloy Baptista de Mendonça, morador em Villa Nathan, Estação Morenos, achase encarregado da veredagem dos folhetos de Leandro Gomes, podendo vender em grosso e dar muito boa vantagem aos revendedores.

Quem interessar negociar com o mesmo queira procural-o em Villa Nathan.

Guarabira, Maio de 1918.

Pedro Baptista.

A Allemanha vencida

Até que afinal chegamos
Ao fim da tal grande guerra
Que tanto mal produziu
Geralmente em toda a terra
E a Allemanha vencida
Se humilha, grita e berra.

Berra e grita humilhada
A orgulhosa potencia
Que vinha muito arrogante
Dizendo não ter clemencia
E que vencedora ou vencida
Mostraria resistencia.

Foi o orgulho abatido
E o grande foi humilhado
O castigo merecido
Vae recøber o malvado
E pagar com a escravidão
Tudo o que tem praticado.

E' comprida a profecia
Do Padre Cicero Romão
Na matriz do Joazeiro
Dizendo a todo christão
Que a guerra findaria
Sendo vencido o allemão.

E o que o Padre Cicero diz
Se aprova no mundo inteiro
Pois a praga das rapozas
Elle predisse a um romeiro
E tambem disse que a guerra
Não chegaria a Janeiro.

Um romeiro já me disse
Que a pouco chegou de lá
Que ouviu um sermão d'elle
Dizendo que o Ceará
Seria livre da peste
Se a febre não fosse lá.

E fallando da Allemanha
Disse a hora do castigo
Soou para esse povo
Que de Deus é inimigo!
A Allemanha se arraza
Desta vez não tem abrigo.

Tudo que ella fez paga
Sem descontar um rial
Porque quatro annos e meio
Levou ella a fazer mal
E' bem justo agora pois
O seu castigo afinal.

Navios torpedeados
E cidades destruidas
Devastação de seáras
E cathedraes demolidas,
Ella paga no contado
Milhões e milhões de vidas.

Mais de quarenta milhões
De vidas alli tombaram,
No seio da eternidade
Agora regosijaram
Vendo não se ter perdido
O sangue que derramaram.

A Allemanha na guerra
Do mal não teve izenção
E o que ella fez na Belgica
Faz cortar o coração
E quem mal faz mal merece
E' justa compensação.

Quando Deus tarda vem perto
E' certo o que o adagio diz
Ella julgava-se UNICA
Na força do seu paiz,
Mas só resistiu até quando
A America do Norte quiz.

Ella arrazou Montenegro
E incendiou Rumania,
Grande parte da Italia
Norte da França e Servia,
E é incalculavel o estado
Da Russia sobre a anarchia.

A força do despotismo
Se curva a voz do direito
A Allemanha vencida
Vae pagar o que tem feito
A Lorena volta á França
Dessa feita e não tem geito.

A França vae receber
O que pagou em 70
A America não está veixada
E diz que ainda sustenta
Emquanto a fria Inglaterra
Vae dizendo mano aguenta.

A Allemanha julgava
Que nunca se humilbaria
Que esmagava todo o mundo
E este não se mexia
Mas foi lhe o anno bixesto
Perdeu tudo que queria.

Quando a America foi proyocada
Ao mundo todo avizou
Que não queria guerriar
Mais tambem não recuou
E Disse então á Allemanha
Espere là que eu já vou.

Disse-lhe que éra preciso
Um anno em preparações
Que a Allemanha esperasse
Sem estragar batalhões
Que ella queria medir
No campo suas razões.

Disse a Allemanha venha
E tragar o resto do mundo
Que meu imperador somente
E' primeiro sem segundo
Sendo inimigo elle mata
Como sendo vagabundo.

E começou a investir
No territorio Francez
Disse a Hollanda e Suissa:
Neutralidade desta vez,
Eu só respeito a daquelle
Que me for muito cortez.

A França velha se torce
E diz: aguento o repucho
Na batalha de Verdum
O Kaiser perdeu o luxo
E recuou suas forças
Damnado da vida e murcho.

Foi na batalha do Marne
Que o Americano chegou
No Oisne Sant Quentin
A sua bravura mostrou
Numa investida sem tregua
Que o allemão extranhou

Gritou para o allemão
A cousa ou vae ou raxa
Tomei agora a offensiva
E apertarei a tarracha
O que for fraco se quebra
O que for grande se abaixa.

Eu lucto pelo direito
E a sua suberania
Respeitarei os pequenos
E a todos dou garantia
E se for preciso um seculo
Mostrarei minha valia.

E avançou como leão
Com coragem desmedida
Luctando de baioneta
Sem poupar uma só vida
Entrando pelas trincheiras
Leva tudo de vencida.

Após 6 mêzes de lucta
A Allemanha esmoreceu
E vendo a sorte da Bulgaria
O Kaiser estremeceu
E a America do Norte
Então paz offereceu.

A America lhe respondeu
Que ella considerasse
Pois não estava veixado
Que a guerra se acabasse
Mas, se ella assim queria
O terreno desocupasse.

Quarenta e oito horas
De prazo ella pediu
P'ra abandonar o terreno
Que sua tropa invadiu
Mas os Estados Unidos
Nem nisso não consentiu.

E o general Petain
Com Foch grande guerreiro
Gritou para Hindenburgo
Makuezeu e principe herdeiro
Sustente lá sua gente
Que continuo o banzeiro.

A Inglaterra então disse
Alerta rapaziada
O que correr é covarde
Isso não é caçoadá
Avancemos mais um pouco
Emquanto eu ganho a parada.

A Allemanha está pedindo
P'ra guerra se acabar
Os alliados respondem
Não precisa se veixar
Deixe correr o marfim
Para quem dever pagar.

Agora é bom se saber
Como a guerra começou
E quem no campo da lucta
Foi quem primeiro chegou
E dos terrenos alheios
Quem primeiro se apossou.

Quem foi a Europa hontem
Em que hoje está tornada
Uma das partes do mundo.
Mais rica e mais illustrada
Hoje parece cratera
Pelos vulcões fulminada.

Ella hontem era uma deusa
Do throno mirando a terra
Hoje é a ave nocturna
No rochedo de uma serra
De onde olha os esqueletos
Dos filhos mortos na guerra.

Os homens cegos na guerra
Com sede do sangue humano
Tangidos pelo orgulho
Ou um idéal profano
Transformando em sangue puro
As aguas do oceano.

Chora o céu soluça a terra
As nuvens fazem sensuras
Vendo prostrados no solo
Milhares de criaturas
Só para cinco ou seis feras
Mostrarem suas bravuras.

Os proprios ventos que zunem
Conduzem os sons dos gemidos
Os échos do desespero
Pelos soldados feridos
Exclamações das viúvas
E dos orphãos desvallidos.

Inflama-se toda Europa
França, Rússia, a Inglaterra
Austria parte como lobo
Que vem com fome da serra
Pergunta o que faço eu?
Responde Allemanha guerra.

Mande ultimatum sem medo
Não tema; conte commigo
O imperador da Austria
Não torce a cara ao perigo
Com especialidade
Tendo a mim por seu amigo.

Não faça paz nem attenda
Agora seja a quem for;
Sendo tudo contra si,
Sendo eu a seu favor
Venha o Universo em peso,
Você será vencedor.

Deixe vir a Inglaterra,
França, Russia e quem quizer,
Só o braço da Allemanha
Sustenta o peso que houver,
Deixe a Europa esgotar
Tudo quanto ella tiver.

A Inglaterra já disse
Que é rainha do mar,
Eu só acredito isso
Quando vir ella provar,
Aos pés de meus torpedeiros
Ella tem que se humilhar.

Num dia eu desmancho a Belgica,
Em dois arraso Pariz,
A Russia ha de esconder-se
Nas serras de seu paiz
E nunca mais o francez
Ha de dizer que é feliz.

Quem vier a meu favor
Terá boa aceitação,
Tambem querendo ser contra
Nisso não faço questão
E não pergunto a alguem
Se é a meu favor ou não.

Repetiu a Allemanha:
—Austria, ouça o que lhe digo,
Tempo de fome e de guerra
O homem tem pouco amigo,
E é louco o que poupar
A pelle do inimigo.

Quem quer vai, quem não quer manda.
Você vá não esmoreça,
Todo soldado é valente,
Não sendo fraco o cabeça.
Enfrente seu inimigo,
Diga: quem for duro cresça.

Eu mando para as fronteiras
Reforço de infantaria,
Escolho as melhores peças
E segue a artilheria,
Lá já tem cem mil soldados,
Vai mais a cavallaria.

Tenho formidavel exercito
Em quem posso confiar,
Tenho minas nos estreitos,
Tenho Zeppelin no ar
E tenho submarino
Por toda parte do mar.

Porem a Allemanha errou
Fm todo calculo que fez,
Só pela Belgica tomava
O territorio Francez,
Não passando pela Belgica
Perdia tudo de vez.

Mandando pedir á Belgica
P'ra lhe consentir passar,
A Belgica, amiga da França,
Licença não quiz lhe dar.
A Allemanha disse: passo
Custe agora o que custar.

Ia passar como amiga,
Não ia fazer surpresa,
Agora eu passo por força
E você paga a despesa,
Para a esquadra allemã
Nunca se fez fortaleza.

Ordenou aos couraçados
Que não mostrassem fraquesa,
Passassem á força na Belgica,
Não deixassem fortaleza,
O sangue no rio Mòsa
Tem que fazer correntesa.

Disse ao almirante: marche,
Vá daqui, entre e não manguê
Não se importe que alguém chore
E o rei Alberto se zanguê,
Faça do campo um só fogo,
Do mar um charco de sangue.

Estão minhas ordens dadas,
O Kaiser disse e sahiu,
O almirante feroz
Levantou ferro e partiu,
Chegou nos portos da Belgica
Com toda força investiu.

Outro viaja no mar,
Lá vem um submarino
Arromba a embarcação,
Perverso, vil, assassino.
Afoga barbaramente
Homem, mulher e menino.

Como viu-se, o «Lusitania»
Um vapor de carga inglez,
Um grande submarino
Arrasou-o de uma vez,
Só creanças de anno a baixo
Morreram quarenta e trez.

Muito mais de mil pessoas
Alli foram sepultados:
Mil e tantos passageiros
E todos os empregados.
A Allemanha satisfeita
Condecorou os malvados.

Outra scena pavorosa
Foi no vapor «Arabique»
Que a um mez e dez dias
Foi concertado no dieue,
Um torpedeiro allemão
Foi a elle e o poz a pique.

Disse um dos passageiros
Que conseguiu se salvar,
Que a scena que alli houve
Causa horror ao proprio mar,
A propria Allemanha vendo
Era capaz de chorar.

O vapor foi arrombado
Desde o casco até o forro,
O povo lançou-se nagua
Sem obter um socorro,
As mães gritavam: meu filho !
O filho: mamãe, eu morro !

Tudo alli era de balde,
Alli nada se attendia,
Apenas a cruel morte
A sorrir apparecia
Zombando dos miseraveis
Que o oceano engolia.

E como esses mais muitos
Que não estão em lembrança,
Sei que entre a Inglaterra,
A Italia, a Russia, a França,
De mil e muitos vapores
Já perderam a esperança.

F' construido um vapor,
Um dos melhores do mundo,
O inglez faz elle logo
Para não achar segundo,
Encontra um submarino,
Lá vai o vapor ao fundo.

Fu não gosto de escrever
Os episodios da guerra,
Me entristece de tudo
A miseria que se encerra
Metete nojo o heroismo
Dos nossos homens da terra.

A fome, a peste e a guerra
Juraram nos acabar,
A guerra trancou o mundo,
Jogou a chave no mar,
A peste bateu na porta
Dizendo: eu quero entrar.

E lá na costa da Africa
A peste se arranchou,
Os navios que passavam
Ella a todos contaminou,
Da Esquadra brasileira,
Grande parte ella levou.

Soluça a patria querida
A perda de seus herois,
Que morreram lá na Africa
De doença tão atroz
E não conseguiram voltar
A terra de seus avós.

Peçamos todos a Deus
E ao padre do Joazeiro
Para livrar da Peste
O territorio brasileiro,
Que a guerra já se acabou,
Vai melhorar o mundo inteiro.



A VISO

Aos professores e negociantes de artigos para escolas taes como livros em todos os generos e de autores adoptados, árdosias, crayons, lapis, papel para escripta e para desenho, mata borrão, tintas para aquarella e de escripta, compassos e lapis para desenho, giz escolar, cadernos de calligraphia vertical e americana, noções de desenho, series de Alinhavos para trabalhos manuaes, borrachas, furadores para papel, palhêtas para instrumentos, giz marca "Elephante" para bilhar, caixas de papel e centos de enveloppes, boletins escolares, cadernos para dictado e todos mais artigos concernentes á livraria, encontramse á venda na

"Livraria do Povo"

RUA 7 DE SETEMBRO Nº. 17

Guarabira

FOLHETOS DE LEANDRO GOMES DE BARROS

A VENDA EM GUARABIRA NA

Livraria do Povo

- A Força do Amôr
 - A morte de Alonso e Vingança de Marina
 - A Filha do Pescador
 - Historia de Rosa e Lino. (O mal em paga do bem)
 - A Vida e o Testamento de Cancão de Fôgo
 - A Mulher roubada
 - O Principe e a Fada
 - Hist. da Donzella Theodora
 - Hist. de Branca de Neve
 - Hist. de João da Cruz
 - O Boi Mysterioso
 - O Cachorro dos Mortos
 - Os sofrimentos de Alzira
 - O Reino da Pedra Fina
 - A India (Hist. de Caboclo Brabo)
 - A Orphã
 - A vingança de um Filho
 - A vida de Pedro Cem
 - A vida completa de João Lezo
 - O Nascimento de Antonio Silvino
 - A vida e os Sermões do Padre Cicero
 - Batalha de Ferrabraz
 - A Prisão de Oliveiros
-) Tirados do livro de Carlos Magno

NOTA

Devido a alta do preço do papel, todos os folhetos de ora em diante sofrerão tambem pequena alta no preço.



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).